

Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

UMA NOVA BIBLIOTECONOMIA PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira¹

Resumo: O artigo propôs articular a teoria que norteará a tese – a Nova Biblioteconomia, cunhada por R. David Lankes – com os conceitos amplamente discutidos por Zygmunt Bauman – comunidade, modernidade líquida e seus desdobramentos. Para tanto, realizamos um levantamento preliminar acerca do perfil da sociedade contemporânea, e, posteriormente, relacionamos e discutimos as relações entre essa sociedade e a nova maneira de fazer uso da informação, de modo a propiciar uma reflexão sobre a emergência de uma “nova Biblioteconomia”.

Palavras-chave: Sociedade Contemporânea. Comunidade. Nova Biblioteconomia. Uso da Informação.

1 INTRODUÇÃO

“Aqueles que têm a chance de dedicar suas vidas ao estudo do mundo social não podem recolher-se, neutros e indiferentes, diante da luta da qual a aposta é o futuro do mundo” (Pierre Bourdieu)².

Ao longo do tempo, podemos observar muitas mudanças na sociedade, seja na maneira de comunicar, seja na maneira de registrar o conhecimento, seja na maneira de expressar. O fio condutor de boa parte destas mudanças foi o desenvolvimento tecnológico. Por meio das tecnologias, sobretudo, tecnologias de informação e comunicação, nossas fronteiras territoriais foram desmitificadas. O mundo contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas (BAUMAN, 2001). A sociedade atual apresenta características líquidas, individualistas e desterritorializadas, voltadas para a satisfação de prazeres imediatos para suprir a insegurança e os medos com o contexto vivenciado.

No contexto informacional, a fonte do trabalho já não se encontra no "capital fixo, máquinas, fábricas e uma quantidade de trabalho", mas nos "fluxos de trabalho que se organiza, que se mostra criativo, comunicativo, global" (SANTAELLA, 2016, p. 53). A ascensão do *big data* mudou fundamentalmente a maneira como vemos e interagimos com os outros e isso nos levou a ver as comunidades como gráficos e esperarmos que os algoritmos possam otimizar os serviços. Vivemos o

¹ Bacharel em Biblioteconomia. Mestra e Doutoranda em Ciência da Informação. E-mail: emanuelle.gaf@gmail.com

² LANZMANN, Claude; REDEKER, Robert. Les méfaits d'un rationalisme simplificateur. **Le Monde**, 18 set. 1998. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1998/09/18/les-mefaits-d-un-rationalisme-simplificateur_3668400_1819218.html>. Acesso em: 16 nov. 2018.



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

momento da naturalização das informações presentes nas redes. Essas transformações modificaram os conceitos de tempo, espaço, indivíduo e sociedade.

No entanto, esse contexto não possibilitou, até então, uma sociedade mais coerente e consciente de seus deveres e direitos, “não nos tornamos sociedades melhores, no sentido de serem mais humanas, justas e solidárias” (ARAÚJO, 2017, p. 68), principalmente se levarmos em consideração que o enfoque deve ser sobre a relação do indivíduo com a tecnologia, pois é essa relação e intimidade com o aparato informacional que permite a conexão e a apropriação deste com o mundo globalizado (ALMEIDA; GANZERT, 2008, p. 47).

[...] Em nossas cidades, procuramos smartphones e redes sem fio para conectar pessoas. Quantos desses projetos presumem que o acesso à internet é o mesmo que melhorar a vida por meio da conexão? Os cidadãos têm o treinamento para usar a Internet? Eles podem criar sua própria presença na rede? Ou apenas lhes damos uma maneira de consumir mais informações nos jardins murados de empresas que ganham dinheiro na privacidade de nossas comunidades? (LANKES, 2017).

No contexto da Biblioteconomia, a sociedade contemporânea apresenta como desafios para as bibliotecas às mudanças sociais, econômicas e políticas que evidenciaram alguns impasses para as teorias e práticas realizadas até então. Dentre os desafios contemporâneos para área pode-se mencionar o desenvolvimento das tecnologias digitais, da internet e das redes sociais; o surgimento de dispositivos e interfaces em que os sujeitos possuem mais possibilidades de atuação – protagonismo social; e o amplo acesso à informação (ARAÚJO, 2017). Neste sentido, há a necessidade da Biblioteconomia reinventar-se e voltar-se para as pessoas, não apenas para as técnicas e práticas seculares.

Dentre as perspectivas contemporâneas que podem contribuir de alguma maneira para a compreensão dos desafios contemporâneos da Biblioteconomia, destacamos a Nova Biblioteconomia (LANKES, 2011), que propõe contribuir com o desenvolvimento das sociedades por meio da atuação do bibliotecário como facilitador no processo de construção do conhecimento por comunidades (ARAÚJO, 2013, 2017). “[...] ao entendermos essa nova Biblioteconomia poderemos compreender algo tão grande quanto o papel de um cidadão na sociedade” (LANKES, 2016, p. 23).

Desse modo, o objetivo do presente trabalho é realizar um levantamento preliminar das novas condições da sociedade no mundo contemporâneo que emerge uma nova maneira de fazer Biblioteconomia como resposta as tendências contemporâneas mencionadas anteriormente. A indagação que orientou a consecução do presente texto foi a seguinte: Quais são as novas condições da sociedade contemporânea que emergem uma nova Biblioteconomia?

Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

Os conceitos de Comunidade³ e sua relação com a Modernidade Líquida, cunhados pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, associados ao conceito de Nova Biblioteconomia, cunhado e defendido pelo diretor da *School of Library and Information* da Universidade da Carolina do Sul, o americano R. David Lankes, foram norteadores para interpretar as transformações ocorridas na contemporaneidade e a possibilidade de atuação dessa nova teoria biblioteconômica na contemporaneidade.

2 RELAÇÕES ENTRE A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A COMUNIDADE A PARTIR DE ZYGMUNT BAUMAN

Ao introduzir o conceito de "comunidade", Zygmunt Bauman utiliza definições originárias do senso comum ao exemplificar o conforto de fazer parte de uma comunidade. Pontua a constatação de Raymond Williams sobre comunidade como notável condição: "ela sempre foi", para dizer que se trata do tipo de mundo que – lamentavelmente – não está ao nosso alcance (BAUMAN, 2003, p. 9). “Comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá” (BAUMAN, 2003, p. 9).

“[...] a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante” (BAUMAN, 2003, p. 7). Contudo, embora Bauman pontue que a comunidade seja um local acolhedor e cômodo, deixa claro que não podemos ter a segurança que a comunidade nos confere concomitante com a liberdade. “A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito” (BAUMAN, 2003, p. 10). Assim, o autor apresenta a tensão que se dá entre a falta de liberdade e o sentimento de segurança como características da vida em comunidade. Bauman (2003) retoma a concepção clássica de comunidade e os sentimentos vinculados a ela, como a afetividade, pertencimento e segurança. Em contrapartida, o contraste da vida em comunidade se dá com sentimentos de pouca autonomia e liberdade, o que vai a contramão da concepção de modernidade líquida apresentada pelo autor. O paradoxo está em ao mesmo tempo que queremos ter o conforto e a segurança proporcionada pela comunidade, queremos ter a liberdade conquistada na vida em sociedade líquida.

³ O conceito de comunidade abordado por Zygmunt Bauman foi definido como elemento norteador, sobretudo, porque comunidade é um conceito fundamental para a Nova Biblioteconomia proposta por R. David Lankes. A teoria foi formulada com foco em comunidades. Compreender o conceito de Bauman (2003) a partir da modernidade líquida contribui para uma melhor apreensão de comunidades no contexto atual.



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

Bauman aborda a relação entre Modernidade e Comunidade, tomando como plano de fundo a acepção de comunidade mais difundida, como um agrupamento integrado e baseado em relações sociais duradouras e multi integradas. No entanto, o próprio Bauman evidencia o contraste entre as concepções de Modernidade e Comunidade, à medida que a modernidade impacta profundamente as relações sociais, "pois a Modernidade se põe no espaço social a partir da complexificação e segmentação o que estimula o individualismo" (LEANDRO, 2008, p. 158).

Essa comunidade dos sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma “comunidade” de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo — que, quando projetada na tela da conduta amplamente replicada/copiada, parece dotar a identidade individualmente escolhida de fundamentos sólidos que as pessoas que escolhem de outra maneira não acreditariam que possuíssem (BAUMAN, 2003, p. 61).

As comunidades hoje, o são somente no nome. Vivemos em “comunidades cercadas” pesadamente guardadas e eletronicamente controladas para manter distância da vida comum da cidade. Diante disso, Bauman (2003, p. 49) detectou e pontuou que na sociedade contemporânea há uma extraterritorialidade mental e moral, onde os indivíduos não se importam em ficar sós, em que há um distanciamento e desengajamento com o que pensa diferente.

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluido e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofrendores: antes os divide e os separa. As dores que causam aos indivíduos não se somam, não se acumulam nem condensam numa espécie de “causa comum” que possa ser adotada de maneira mais eficaz unindo as forças e agindo em uníssono [...] (BAUMAN, 2003, p. 48).

Por outro lado, há certa facilidade em adquirir e desfazer-se de uma identidade comum quando é satisfatória ou quando deixa de ser comparada a outra identidade mais sedutora. O autor esclarece que isso “é muito mais importante do que o “realismo” da identidade buscada ou momentaneamente apropriada” (BAUMAN, 2003, p. 61-62). Assim sendo, a Modernidade impacta profundamente as relações sociais, pois ela estimula o individualismo o que acaba transformando a orientação para os interesses coletivos como algo desafiador (BAUMAN, 2003; LEANDRO, 2008).

Neste sentido, Massimo Canevacci (2009, p. 8), cunhou o conceito de multivíduo para definir o homem contemporâneo, que em crise com a perspectiva coletiva, é “multi”, complexo, fugidio e fugaz. Para Canevacci (2009, p. 17), as pessoas podem desenvolver uma multiplicidade de identidades, fazer uma coabitação flutuante de diferentes *selves* (plural de *self*) que coabitam, às vezes conflita ou

Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

constroem uma nova identidade, flexível e pluralizada. Em linhas gerais, não há mais uma única identidade, mas identidades no plural, fluida, em trânsito e passageira.

A modernidade confere às relações sociais características que provêm da maior segmentação da sociedade e do individualismo (LEANDRO, 2008). Desse modo, podemos afirmar que as novas tecnologias de informação e comunicação, dificultam a unidade e a homogeneidade da comunidade, pois afeta seus mecanismos de proteção ao facilitar a comunicação sem fronteiras rígidas.

A cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, e o relacionamento eu-outro ganha ares mercantis, em que os frágeis laços têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagrado de ambas as partes. Privatizam-se não somente os “serviços” de cunho social (que na modernidade sólida eram direitos do cidadão), como as próprias parcerias humanas (LEANDRO, 2008, p. 160).

Ao falar sobre a modernidade líquida, característica contemporânea da sociedade, Bauman (2001, p. 136-137) faz uma analogia com o *hardware* e o *software*. Para o autor, a modernidade sólida era como o *hardware*: pesado, fixo e limitado. Já a modernidade líquida seria representada pelo *software*: em constante mudança e evolução.

O trabalho sem corpo da era do software não mais amarra o capital [...]. O Capital pode viajar rápido e leve, e sua leveza e mobilidade se tornam as fontes mais importantes de incerteza para todo o resto. Essa é hoje a principal base da dominação e principal fator das divisões sociais (BAUMAN, 2001, p. 141).

A passagem da modernidade sólida para modernidade líquida acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida é representada, sobretudo, pela incerteza. Mais do que nunca, trata-se de uma sociedade em que os indivíduos estão imersos num espaço social onde há infinitas possibilidades de escolha e liberdade, sendo cada um responsável pela sua felicidade e seu fracasso. É marcada pela fluidez da identidade, das certezas e dos laços afetivos. Como afirma Silva (2012, p. 28):

A grande mudança observada na sociedade líquido-moderna é a configuração de um tempo aonde o que está em primeiro plano não é a segurança de um mundo ordenado, mas sim, ambivalência derivada tanto da multiplicidade de cálculos quanto da escolha de quais variáveis devem ser consideradas para a execução de tal operação (SILVA, 2012, p. 28).

A criação de um espaço virtual seria a possibilidade de ir a qualquer lugar sem a limitação do espaço convencional, rígido. O poder, assim, se liquefaz, ocupa mais espaço e é livre para movimentar-se em qualquer espaço e tempo.



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

O número de usuários da internet cresce gradualmente e o acesso à informação é cada vez mais amplo e dinâmico. "O desenvolvimento da telefonia celular e dos computadores portáteis, que desamarra de forma ainda mais radical os pontos de comunicação da rede, intensificou os processos de desterritorialização" (SANTAELLA, 2016). Todo este contexto modifica a maneira como significamos as relações sociais e quanto ao uso da informação.

Hoje temos um cenário, em que lidamos com sujeitos que podem ser, ao mesmo tempo, leitor/consumidor, autor e classificador da informação. Contudo, "vivemos hoje uma revolução não apenas informacional, mas, sobretudo, semiótica" (SANTAELLA, 2016, p. 45). Houve uma mudança, também, na maneira como as pessoas se comunicam e se expressam. A comunicação na era digital reveste-se de total importância, seja pelo aspecto produtivo, de valores, de comportamento, seja pela maneira de falar, de estabelecer a relação com o corpo, e também com a identidade (CANEVACCI, 2009, p. 10).

"[...] hoje em dia estamos todos em movimento" (BAUMAN, 1999a, p. 85), mesmo que estejamos fisicamente inertes, graças aos cliques nas palmas das mãos. Vivemos hoje o projeto do Panóptico do inglês Jeremy Bentham de forma voluntária. Os mecanismos de vigilância presentes nas redes rastreiam nossos passos e captam nossos dados ao interagirmos, tudo de maneira voluntária, sobretudo, por meio dos aplicativos que acessamos e damos permissão de acesso aos nossos dados.

As tecnologias digitais possibilitam aos usuários grande mobilidade na busca de informação em fontes distintas, oportunizando a criação dos próprios espaços de produção e comunicação da informação (FREIRE, 2008, p. 65). Assim sendo, a sociedade hoje quer fazer parte, quer construir, escrever e expor suas ideias. Neste aspecto, as redes sociais tem um papel muito importante por garantir ao seu usuário o protagonismo. Por isso, o *Facebook* é uma das redes sociais mais usadas atualmente. Em um evento promovido em Chicago, no dia 22 de junho de 2017, Mark Zuckerberg (Diretor Executivo do *Facebook*) afirmou que a nova missão do *Facebook* é "dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo" (PAYÃO, 2017). Em contrapartida, Zygmunt Bauman afirmou que as comunidades em rede são diferentes pelo controle exercido pelos usuários ao relacionar-se, sobretudo, com aqueles que compactuam com os mesmos ideais.

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas **a rede pertence a você**. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo. O papa Francisco, que é um grande homem, ao ser eleito, deu sua primeira entrevista a Eugenio Scalfari, um jornalista italiano que é um ateu autoproclamado. Foi um sinal: o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque **é muito fácil evitar a controvérsia**... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha (BAUMAN, 2016, grifo nosso).

Bauman (2003, p. 60) pontua que “saber que não estamos sós e que nossas aspirações pessoais são compartilhadas por outros pode conferir segurança”. Nessa sociedade líquida e individualista, vislumbrar o próprio reflexo é mais confortável. Todavia, vislumbrando o conceito de multivídeo para ser um indivíduo contemporâneo, o diferente pode coexistir sem causar maiores desconfortos, ainda que insista em ser evitado. No entanto, ainda há motivos para crer que a comunidade ainda pode ser despertada nessa sociedade líquida da contemporaneidade. Zygmunt Bauman (2003) alerta que não há como caminhar sozinho, somos todos convergentes.

Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e **devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo**. Há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente. O que quer que nos separe e nos leve a manter distância dos outros, a estabelecer limites e construir barricadas, torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil. Todos precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais enfrentamos os desafios da vida — mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente (BAUMAN, 2003, p. 133-134, grifo nosso).

A configuração atual de redes ocasionada pelo desenvolvimento das tecnologias de informação torna nossa sociedade contemporânea cada vez mais desterritorializada e interligada. Desse modo, podemos afirmar que comunicação tornou-se um fenômeno que parece irreversível, e talvez o importante seja que os usuários reorientem suas atuações nas redes virtuais a fim de impactar construtivamente o “real”.

3 UMA BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA PARA UMA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: A NOVA BIBLIOTECONOMIA

A “nova Biblioteconomia”, termo cunhado por R. David Lankes em 2011, com a publicação do *Atlas of New Librarianship*, postula que o papel do bibliotecário nas sociedades contemporâneas é o de estimular a criação de conhecimento colaborativo entre diferentes membros das comunidades, a



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

promoção de ampla circulação dessa produção e, sobretudo, a atuação por uma apropriação crítica e plural desse conhecimento. A nova Biblioteconomia nos propõe uma quebra de paradigma das bibliotecas ao trazer a visão de que bibliotecas deveriam ser como comunidades, pensando as pessoas e não os dispositivos que armazenam a informação.

O “Atlas da nova Biblioteconomia” está organizado em torno de seis grandes conceitos da missão das bibliotecas (Missão, Criação de Conhecimento, Facilitação, Comunidades, Melhorar a Sociedade, e Bibliotecários), visto que o destaque que norteia cada tópico é a missão do bibliotecário: “A missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade por meio de facilitação da criação de conhecimento em suas comunidades” (LANKES, 2011, p. 13, tradução nossa).

Esse é o poder de ser um bibliotecário. Olhar para as pessoas e não como problemas, mas como membros em necessidade - na necessidade de serviços, suporte e, sim, a alfabetização. Mas em última análise, na necessidade de poder. O poder se sustentar e viver uma vida digna. O poder de criar e aprender, e não simplesmente para sobreviver (LANKES, 2011, p. 80, tradução nossa).

Ressalta-se que, para o autor, não importa o local onde o bibliotecário atue, seja em uma biblioteca ou um hospital, em um escritório de advocacia ou em uma empresa de motor de busca; a missão ainda permanece a mesma. Em linhas gerais, a nova Biblioteconomia é a Biblioteconomia que nós já conhecemos reformulada por meio do foco nas comunidades. No entanto, para Lankes (2016), o uso da palavra comunidade é empregado de maneira ampla.

Comunidades são grupos de pessoas que se reúnem em torno de uma variável comum. Essa variável pode ser o local onde vivem, a escola onde estudam, a organização onde trabalham, e por aí vai. Em todos esses casos, supõe-se que os membros de uma comunidade tenham consciência dessa variável e que deliberadamente façam parte dessa comunidade (LANKES, 2016, p. 115).

O conceito amplo utilizado por Lankes (2011, 2016) para situar a atuação da nova Biblioteconomia, no tocante a apropriação da informação e construção do conhecimento coletivo, corrobora com o conceito de comunidade que Bauman (2003) apresenta no último capítulo do livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”. O autor, desacreditado da existência de uma comunidade em virtude da configuração atual da sociedade, pontua que se ela existir deve ser construída em prol da defesa dos direitos sociais e do compartilhamento de interesses comuns.

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (BAUMAN, 2003, p. 134).



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

Neste sentido, Lankes (2016) afirma que a biblioteca não deve só ajudar a comunidade a solucionar os problemas e desafios, como, também, documentar a maneira como ajuda. “As comunidades devem esperar que as bibliotecas ofereçam serviços para nossa população cada vez mais em constante transformação (LANKES, 2016, p. 116). Ou seja, as bibliotecas devem ressignificar sua atuação e sua “imagem estereotipada”: não se trata de acumular somente o conhecimento registrado, trata-se de apresentar-se como uma plataforma comunitária para a criação e o compartilhamento do conhecimento.

Nas bibliotecas, o conceito de “facilitar a criação de conhecimento” prevista na missão que norteia o Atlas, está intimamente ligada aos princípios associados com o desenvolvimento de uma aprendizagem independente. Assim, o ponto principal para o desenvolvimento de uma nova Biblioteconomia é a relação da biblioteca diretamente com a sua comunidade. Para Lankes (2011, 2016, 2017), trata-se de ver o núcleo da Biblioteconomia focado no conhecimento, não somente na informação ou nos livros. Com isso, o autor esclarece que o ato de dar o acesso ao conhecimento registrado ou a um sistema em rede não é mesmo que informar. Quando estamos voltados meramente para a informação, há uma tendência de se concentrar em coisas quantificáveis e visualizar as pessoas em relação ao uso de sistemas, deixando em segundo plano conceitos ricos de impacto e significado, evidenciando conceitos simples de acesso. “Bibliotecas são sobre conhecimento, não informação. Elas são sobre criação e engajamento, não consumo e distribuição” (LANKES, 2017).

Lankes (2011) esclarece que devemos encarar a comunidade como membro, e não como usuário, cliente ou outros termos que usamos recorrentemente. Desse modo, os serviços das bibliotecas são para atender as necessidades da comunidade e não para a comunidade. Todas as atividades desenvolvidas pela biblioteca devem estar alinhadas com os objetivos da comunidade. Assim sendo, devemos reconhecer que os membros de uma comunidade não são consumidores passivos de informação e que eles são a razão das bibliotecas existir.

Macedo (1986, p. 219) pontuou que “apesar de todo o progresso científico, a Biblioteconomia e seus profissionais ainda teimam por manter a velha atitude de encarar o conhecimento como algo pronto a ser adquirido e reproduzido”. Eis o grande diferencial da nova Biblioteconomia. O conhecimento não é um algo pronto para adquirir e reproduzir, o conhecimento é uma construção social e a missão do bibliotecário é facilitar a criação do conhecimento com os membros da comunidade e não para a comunidade. A comunidade é o verdadeiro acervo.



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

Lankes (2011, p. 16) propõe que os bibliotecários tenham uma visão de mundo da Biblioteconomia que transcenda as ferramentas para a organização da informação e manter o conhecimento registrado. O autor defende e alerta que manter o conhecimento registrado é vital, mas não o suficiente para sobreviver aos tempos atuais, mas sim para abrir um mundo de possibilidades.

Assim sendo, Lankes (2011) pontua que se bibliotecários realmente desejam melhorar a sociedade por meio da facilitação do conhecimento, eles devem não só devem ter suas vozes ouvidas, como também trabalhar constantemente para melhorar a sociedade através da ação, assim os bibliotecários serão ativistas. Ser da comunidade no conceito e na ação é o aspecto que merece destaque. Neste sentido, o autor alerta que facilitação pode ajudar um membro a desenvolver o conhecimento, mas não garante o conhecimento que podemos chamar de "certo". Aí entra a ação do bibliotecário. O ativismo efetivo se dá por meio da ação do bibliotecário com os serviços que são oferecidos (LANKES, 2011, p. 118).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de Bauman, podemos perceber com um olhar crítico e atualizado as transformações que estão ocorrendo na sociedade líquida e contemporânea, sobretudo, com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Todo dia, a quantidade de informação nova produzida é maior do que a capacidade do cérebro humano de assimilar. Conforme apontado pela Forbes Brasil, até o ano de 2020, cerca de aproximadamente 1,7 *megabyte* de novas informações serão produzidas por segundo para cada uma das pessoas do planeta (MARR, 2015). Basta uma pergunta para que o sistema de busca ofereça grande quantidade de informações como resposta. O acesso à informação é muito mais fácil do que há alguns anos atrás. Hoje não é preciso ir a uma biblioteca procurar em vários livros para encontrar a informação que necessita. Grande parte das informações produzidas atualmente está ao alcance das mãos. Isso não significa que a biblioteca não seja mais necessária, tampouco que o amplo acesso à informação nos garanta conhecimento e engajamento social pelos direitos.

Nossas bibliotecas são conhecidas como locais que guardam livros, local para estudo e leitura, e, em alguns casos, pela arquitetura, pela sua edificação. No entanto, nossas bibliotecas deveriam ser conhecidas como centro de conhecimento e melhoria da comunidade. Um belo edifício cheio de livros, o livro em si, a informação que pode ser acessada na palma da mão, não é conhecimento, mas sim o que deles fazemos. Isso é a nova Biblioteconomia. Mais que oferecer novos serviços e produtos com as tecnologias digitais é a relação com a comunidade que muda. Trata-se de uma mudança na visão de



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

mundo aliada a missão do bibliotecário de contribuir com a facilitação da criação do conhecimento para a melhoria das comunidades.

No contexto da informação em rede, a sociedade quer interagir e construir conhecimento. “Embora os bibliotecários precisem de cada vez menos espaço para trabalhar, a comunidade precisa de cada vez mais espaço para interagir e criar” (LANKES, 2016, p. 129-130). Embora a tecnologia tenha conduzido a uma mudança revolucionária, considerar a tecnologia como o "único motor de mudança é ser míope ao extremo" (LANKES, 2011, p. 3). Nosso maior desafio é ajudar as pessoas a tirar proveitos das ferramentas digitais. O importante é sairmos da nossa zona de conforto promovida pelas redes e nos identificarmos como uma comunidade de interesse e responsabilidade para viabilizar a construção do conhecimento coletivo em prol do acesso aos direitos sociais (BAUMAN, 2003; LANKES, 2011). Uma nova Biblioteconomia para a sociedade contemporânea é possível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de; GANZERT, Christian Carvalho. Informação e mudanças sociais no capitalismo informacional. **Achegas.net: Revista de Ciência Política**, n. 40, p. 44-57, nov./dez. 2008. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/40/ganzert_40.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, p. 68-79, jan./jun., 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/193/150>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 9, n.1, p. 41-58, jan./dez. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 138 p.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 272 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 239 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.

CANEVACCI, Massimo. A comunicação entre corpos e metrópoles. **Revista Signos do Consumo**, v. 1, n. 1, p. 8-20, 2009.



Artigo submetido em 07-07-2018 – Aceito em 02-12-2018

- FREIRE, Gustavo H. Araújo. Redes virtuais de aprendizagem na sociedade e na pesquisa. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 25, p. 55-57, 2008.
- LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: FEBAB, 2016.
- LANKES, R. David. **The Atlas of the New Librarianship**. Cambridge: MIT Press, 2011.
- LANKES, R. David. **The Library**: the system of systems. 25 out. 2017. Disponível em: <<https://davidlankes.org/the-library-the-system-of-systems/>>. Acesso em: 06 jul. 2018.
- LEANDRO, Janine Barreira. Comunidade: uma reflexão a partir de Zygmunt Bauman. **Kairós**: Revista Acadêmica da Prainha, a. 5, v. 1, p. 156-162, jan./jun. 2008.
- MACEDO, Iara Ferreira de. A ideologia na Biblioteconomia: uma reflexão. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, p. 210-221, set. 1986.
- MARR, Bernanrd. 20 fatos sobre a internet que você (provavelmente) não sabe. **Forbes Brasil**, 1 out. 2015. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/fotos/2015/10/20-fatos-sobre-a-internet-que-voce-provavelmente-nao-sabe/>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- PAYÃO, Felipe. O Facebook tem uma nova missão, segundo Zuckerberg. **Tec Mundo**, 22 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/facebook/118182-facebook-tem-nova-missao-segundo-zuckerberg.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2018.
- QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. **El País**, 8 jan. 2016. [Entrevista concedida por Zygmunt Bauman em Burgos (Espanha)]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em: 06 jul. 2018.
- SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital**: a voz da política. São Paulo: Paulus, 2016.
- SILVA, Rafael Bianchi. **Lugares para a amizade na sociedade contemporânea**: caminhos educativos a partir da obra de Zygmunt Bauman. 2012. 197f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2012.

A NEW LIBRARIANSHIP FOR CONTEMPORARY SOCIETY

Abstract: The article proposed to articulate the theory that will guide the thesis - the New Librarianship, coined by R. David Lankes - with the concepts widely discussed by Zygmunt Bauman - community, liquid modernity and its unfolding. To do so, we carried out a preliminary survey on the profile of contemporary society, and later, we related and discussed the relations between this society and the new way of making use of information, in order to provide a reflection on the emergence of a "new Librarianship".

Keywords: Contemporary Society. Community. New Librarianship. Use of Information.

